

## **Estratégias em competência em informação para pessoas com transtorno do espectro autista a partir das dimensões técnica, estética, ética e política**

**Anne Hevelyn Guimarães Lopes**

Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Ciência da Informação, Porto Velho, RO, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2160-3983>  
[annehlopes07@gmail.com](mailto:annehlopes07@gmail.com)

**Djuli Machado De Lucca**

Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Ciência da Informação, Porto Velho, RO, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4505-0688>  
[djuli.mdl@gmail.com](mailto:djuli.mdl@gmail.com)

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v19.n1.2026.54677>

**Recebido/Recibido/Received:** 2024-07-08

**Aceito/Aceptado/Accepted:** 2025-12-30

**Publicado/Publicado/Published:** 2024-02-20

### **ARTIGOS**

#### **Resumo**

A pesquisa objetiva elencar diretrizes para o desenvolvimento das dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a partir do foco dos serviços de bibliotecas e ambientes de informação. Isso inclui uma investigação das características das dimensões da competência em informação e mapeamento das principais características do TEA e das pessoas autistas que podem influenciar o desenvolvimento da competência em informação desse grupo de pessoas. Trata-se de uma pesquisa exploratória, qualitativa e de cunho bibliográfico e documental, cujos dados são tratados por meio da técnica de análise de conteúdo. Os resultados permitem construir sentidos às dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação aplicadas aos usuários com TEA e traçam diretrizes para estratégias envolvendo esse público. Por fim, conclui que o desenvolvimento competência em informação das pessoas com TEA é também uma forma de promover as suas formas de pensar e de construir conhecimento, que pouco são socialmente aceitas. Assim, trata-se de uma estratégia de inclusão social e cidadania.

**Palavras-chave:** Estudo de usuários. Competência em informação. Transtorno do Espectro Autista.

#### **Estrategias de alfabetización informacional para personas con trastorno del espectro autista desde las dimensiones técnica, estética, ética y política**

#### **Resumen**

La investigación tiene como objetivo enumerar lineamientos para el desarrollo de las dimensiones técnicas, estéticas, éticas y políticas de la alfabetización informacional para personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA) y con base en el enfoque de los servicios bibliotecarios y los entornos de información. Esto incluye una investigación de las características de las dimensiones de la alfabetización informacional y el mapeo de las principales características de los TEA y las personas autistas que pueden influir en el desarrollo de la alfabetización informacional en este grupo de personas. Se trata de una investigación exploratoria, cualitativa y de carácter bibliográfico y documental, cuyos datos son

procesados mediante la técnica de análisis de contenido. Los resultados permiten construir significados sobre las dimensiones técnicas, estéticas, éticas y políticas de la alfabetización informacional aplicada a usuarios con TEA y trazar pautas para estrategias que involucren a este público. Finalmente, se concluye que desarrollar la alfabetización informacional en personas con TEA es también una forma de promover sus formas de pensar y construir conocimientos, pocas veces aceptadas socialmente. Se trata, por tanto, de una estrategia de inclusión social y ciudadanía.

**Palabras Clave:** Estudio de usuarios. Usuario de la información. Trastorno del Espectro Autista.

### **Information literacy strategies for people with autism spectrum disorder (ASD) from the technical, aesthetic, ethical and political dimensions**

#### **Abstract**

The research aims to list guidelines for the development of the dimensions of Information Literacy: technical, aesthetic, ethical and political for people with Autism Spectrum Disorder (ASD) and based on the focus of library and information services. This includes an investigation of the characteristics of the dimensions of information literacy and mapping of the main characteristics of ASD and autistic people that can influence the development of information literacy in this group of people. This is an exploratory, qualitative and bibliographical and documentary research, whose data is analyzed according to the Content Analysis. The results allow us to construct meanings regarding the technical, aesthetic, ethical and political dimensions of information literacy applied to users with ASD and outline guidelines for strategies involving this public. Finally, it concludes that developing information literacy among people with ASD is also a way of promoting their ways of thinking and building knowledge, which are rarely socially accepted. Thus, it is a strategy of social inclusion and citizenship.

**Keywords:** User studies. Information literacy. User studies.

## **1 Introdução**

Os tempos atuais são marcados por uma desordem informacional que ressignifica a missão de bibliotecas e bibliotecários na construção de iniciativas para atender as necessidades de informação das pessoas. Nesse novo contexto, a promoção de missões bem-sucedidas em direção ao conhecimento para todas as pessoas inclui o desenvolvimento da competência em informação.

A competência em informação refere-se ao conjunto de capacidades que engloba “a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada e o uso da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética nas comunidades de aprendizagem” (Association of College and Research Libraries, 2016). Implica um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que as pessoas desenvolvem para a identificação das necessidades de informação, busca, avaliação, uso e comunicação da informação. Essa forma saudável de lidar com a informação pode contribuir para atingir metas de felicidade, bem-estar e autonomia das pessoas (IFLA, 2006).

O desenvolvimento da competência em informação, nas pessoas, está atrelado aos contextos social, cultural, político e de saúde, e, por essa razão, as iniciativas devem preservar as particularidades de cada grupo social. É preciso atentar para a condução de iniciativas contemplando os grupos considerados vulneráveis em informação, cuja carência de capacidades para lidar com a informação “pode criar uma situação digital e resultar em danos para as

peessoas, tais como enfermidades mentais e/ou corporais” (Vitorino, 2018, p. 81). Para essas pessoas, o desenvolvimento da competência em informação às oportuniza inserir-se efetivamente na sociedade, usufruindo da cidadania e contribuindo de maneira efetiva para uma vida mais feliz (Vitorino, 2018, p. 83).

Considerando a vulnerabilidade em informação que pode acometer certos grupos, esta investigação contempla estratégias para o desenvolvimento da competência em informação de pessoas que possuem Transtorno do Espectro Autista (TEA), que são reconhecidas, a partir da Lei nº 12.764/2012, como pessoas com deficiência. O TEA é um transtorno de neurodesenvolvimento e se refere a um conjunto de condições que podem comprometer o desenvolvimento das pessoas em diferentes aspectos, como a linguagem, o desenvolvimento motor, o comportamento, a percepção, atenção e memória (OPAS, 2017). Sendo caracterizado como espectro, pode abranger sintomas de diferentes intensidades (Rocha; Ferreira-Vasques; Lamônica, 2019), que requerem diferentes níveis de suporte. Atualmente, o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5) da American Psychiatric Association (APA) define três níveis de suporte: nível 1, nível 2 e nível 3, que demandam medidas progressivas de intervenção.

Desenvolver iniciativas em informação considerando as particularidades dessas pessoas pode ser uma estratégia para a inclusão por meio de autonomia e empoderamento, uma vez que se trata de grupos predispostos à discriminação, com histórico de exclusão social na sociedade, além de vulneráveis no que diz respeito ao atendimento dos direitos (Silva; Souza; Dantas, 2016).

Especificamente no ambiente das bibliotecas, Santos, Duarte e Lima (2014) ressaltam que o usuário com deficiência é tão antigo quanto as próprias bibliotecas, porém pouco contemplado nas atividades. Essa deve ser uma questão a ser evidenciada na Biblioteconomia e na rotina dos bibliotecários enquanto profissionais que, a partir das técnicas aprendidas, utilizam também suas habilidades próprias para promover e mediar experiências informacionais para todos os tipos de usuários.

Vitorino e Piantola (2011) salientam que o desenvolvimento da competência em informação se funda em quatro dimensões: Técnica, Estética, Ética e Política, preservando-se o equilíbrio entre elas. Estudos e estratégias que são desenvolvidos devem se fundamentar nas quatro dimensões. Assim, essa investigação parte dos seguintes questionamentos: quais características do TEA interferem no desenvolvimento da competência em informação, especialmente vinculado às dimensões técnica, estética, ética e política? Como essas características podem ser trabalhadas para a construção de estratégias para o desenvolvimento das dimensões da competência em informação para esse grupo de pessoas?

Para isso, a investigação possui como objetivo elencar diretrizes para o desenvolvimento das dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista e a partir do foco dos serviços bibliotecários em ambientes de bibliotecas. Isso implica uma investigação, na literatura científica, sobre as características das dimensões da competência em informação, além do mapeamento, também com base na literatura científica, das principais características do TEA e das pessoas autistas que podem influenciar o desenvolvimento da competência em informação desse grupo de pessoas. Trata-se de uma pesquisa que, a partir das contribuições bibliográficas e documentais multidisciplinares oriundas dos campos das Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde e Ciências Humanas, pode trazer significados à construção de experiências informacionais bem-sucedidas em direção ao conhecimento para todos os tipos de usuários da informação.

## 2 Procedimentos metodológicos

Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental, de cunho exploratório e descritivo. Seu caráter bibliográfico se revela na investigação da literatura científica sobre as temáticas contempladas na investigação, enquanto a pesquisa documental se revela na exploração de relatórios de sites específicos, mais precisamente no âmbito do TEA, cujas entidades profissionais e não-governamentais contribuem para a construção de conhecimentos no tema.

As fontes de informação utilizadas para a busca bibliográfica foram: a) *Base de Dados em Ciência da Informação* (BRAPCI), uma base de dados regional (América Latina) de textos completos que abrange conteúdo da área da Ciência da Informação; b) *Scientific Eletronic Library online* (SciELO), uma base de dados regional (América Latina) de textos completos que, por possuir cobertura multidisciplinar, recupera conteúdos úteis para a compreensão do TEA, suas características e manifestações nas pessoas; c) *Pubmed*, que é uma base que abrange conteúdo da área da saúde, útil também para a compreensão de aspectos em torno do TEA; d) repositórios institucionais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que recuperam conteúdos específicos sobre a competência em informação e suas dimensões, que foram incorporadas na busca em virtude da escassez de literatura sobre a temática.

Foram conduzidas as seguintes estratégias de busca na BRAPCI: “*pessoas autistas*” (1 resultado); *autismo* (8 resultados); “*Transtorno do Espectro Autista*” (9 resultados); “*competência em informação*” AND *conceito* (70 resultados); “*dimensão estética*” AND “*competência em informação*” (13 resultados); “*dimensão ética*” AND “*competência em informação*” (1 resultados); “*dimensão política*” AND “*competência em informação*” (5

resultados); “*dimensão técnica*” AND “*competência em informação*” (7 resultados). Foram conduzidas as seguintes estratégias de busca na SciELO: “*peças autistas*” (3 resultados); *autismo* (378 resultados); “*Transtorno do Espectro Autista*” (161 resultados); “*competência em informação*” AND *conceito* (12 resultados); “*dimensão estética*” AND “*competência em informação*” (2 resultados); “*dimensão ética*” AND “*competência em informação*” (3 resultados); “*dimensão política*” AND “*competência em informação*” (3 resultados); “*dimensão técnica*” AND “*competência em informação*” (4 resultados). Foram conduzidas as seguintes estratégias de busca na Pubmed: *autista* (169); *autismo* (288); “*Transtorno do Espectro Autista*” (11 resultados). A busca foi realizada entre os meses de julho a agosto de 2023.

A seleção dos documentos úteis para a pesquisa, bem como a interpretação dos resultados, foi operacionalizada a partir da técnica da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). A técnica da análise de conteúdo é composta por três etapas principais, que são: 1) pré-análise, que é composta pela escolha dos documentos, formulação das hipóteses ou objetivos e elaboração dos indicadores (unidades de significação e categorias); 2) exploração do material, que é efetivamente a aplicação dos critérios elencados na pré-análise; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (Bardin, 1977).

Com relação à primeira etapa do método, os materiais recuperados na busca foram analisados de modo a verificar se eles atendiam aos objetivos específicos da pesquisa. Essa etapa ocorreu a partir da leitura do título e das palavras-chave dos documentos. Foram incorporados ao *corpus* de análise os documentos capazes de acenar positivamente para uma das perguntas norteadoras. São as perguntas: *a)* esse material apresenta características de uma ou de mais dimensões da competência em informação? *b)* esse material apresenta características do TEA e das pessoas autistas, principalmente relacionadas ao desenvolvimento da competência em informação?

Com relação à pergunta norteadora *a)*, acenaram positivamente as seguintes publicações: De Lucca (2019); De Lucca e Vitorino (2018); De Lucca e Vitorino (2020); Duarte (2015); Duarte e Caldin (2016); Menezes e Vitorino (2014); Oliveira (2014); Oliveira e Vitorino (2016); Oliveira e Vitorino (2020); Orelo e Vitorino (2012); Orelo e Cunha (2013); Pellegrini (2016); Pellegrini e Vitorino (2018); Pellegrini e Vitorino (2020); Souza, Bahia e Vitorino (2020); Orelo e Vitorino (2020) e Vitorino e Piantola (2011).

Com relação à pergunta norteadora *b)*, acenaram positivamente as seguintes publicações: Campos e Fernandes (2016); Oliveira e Sertié (2017); Ruggieri (2023); Sampaio e Farias (2020); Santos; Diniz e Fernandes (2017); Silva e Mulick (2009); Zelaquett *et al.* (2015).

A partir da exploração do material, que envolveu a leitura integral de todos os documentos, foram construídas as categorias e unidades de significação, que estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Categorias e unidades de significação originadas da análise de conteúdo

<b>Dimensões da competência em informação</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Unidades de significação</b>
Dimensão técnica	Aquisição de habilidades e aptidões
	Disposição racional para agir
	Conhecimento dos suportes e ferramentas
Dimensão estética	Sentimentos e percepções pessoais
	Conhecimento apreendido a partir da exploração dos sentidos, da imaginação, da intuição e da sensibilidade
	Experiência interior e individual
Dimensão ética	Comportamentos virtuosos à felicidade de todos os cidadãos
	Julgamento crítico de informação (autonomia), tendo em vista o bem comum
	Responsabilidade social
Dimensão política	Informação para combater a exclusão social e as desigualdades
	Conhecimentos, habilidades e atitudes para compreender direitos e dever e exercer a cidadania
	Participação política por meio da informação
<b>Características do TEA</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Unidades de significação</b>
Características sociais	dificuldade em interagir socialmente
	compartilhamento reduzido de interesses
	presença de interesses e/ou atividades restritos, repetitivos e estereotipados
Características comunicacionais	diminuição da capacidade de compreender gestos comunicativos
	presença de uso repetitivo da linguagem e ações repetitivas ou ausência de fala, além de manifestações de ecolalia ou ecopraxia
	dificuldade em compreender sutilezas de linguagem, bem como interpretar gestos ou expressões

Características cognitivas e sensoriais	desenvolvimento de hiperfoco para pequenos assuntos e tópicos de interesse do usuário
	sensibilidade sensorial no olfato, paladar, audição, visão, tato
	desenvolvimento intelectual predisposto ao comprometimento
Características comportamentais	hiperatividade não relacionada a um estímulo
	recusa em atender ordens e instruções

Fonte: Dados obtidos na pesquisa (2024)

A partir da criação de categorias e unidades de significação, os dados estão interpretados nas seções 3 e 4, que dão sustentação para o atendimento dos objetivos específicos da investigação.

### **3 Competência em informação e suas dimensões técnica, estética, ética e política: características elencadas a partir da literatura**

Compreende-se, na literatura, que o desenvolvimento da competência em informação se dá a partir de quatro dimensões: técnica, estética, ética e política. Essas dimensões foram reveladas em trabalho desenvolvido por Vitorino e Piantola (2011, p. 102), que reconheceram cada dimensão como “uma espécie de ‘retalho’ de um *patchwork* complexo e colorido, onde partes se unem para um propósito, uma finalidade”. Na competência em informação desenvolvida pelo ser humano, todas as dimensões “devem estar presentes em harmonia tanto na competência quanto na informação” (Vitorino; Piantola, 2011, p. 102), preconizando, então, a necessidade de haver um equilíbrio entre as mesmas.

#### **3.1 Dimensão técnica**

Os estudos de Vitorino e Piantola (2011), Oliveira (2014), Oliveira e Vitorino (2016) e Oliveira e Vitorino (2020) se dedicaram a explorar a dimensão técnica da competência em informação.

Vitorino e Piantola (2011) explicam que o conceito da dimensão técnica dessa competência refere-se à aquisição das habilidades e dos instrumentos para encontrar, avaliar e utilizar de modo apropriado a informação de que se necessita: é o ‘fazer’ da competência em informação, vinculado expressivamente com a ação. Assim, essa dimensão é caracterizada como uma atividade “eminentemente prática, de caráter objetivo, que se revela na própria ação cotidiana” (Vitorino; Piantola, 2011, p. 102). Oliveira e Vitorino (2016, p. 53) ressaltam que a

dimensão técnica representa a “ação que visa a resolução de um problema, necessidade ou oportunidade informacional”. Assim, revela-se no conhecimento informacional e dos suportes e ferramentas, como, por exemplo, o domínio das funções básicas de um computador.

Oliveira e Vitorino (2020) ainda resgatam conceitos da filosofia para estabelecer sentidos à dimensão técnica, agregando principalmente Aristóteles e Hannah Arendt. Identificam que a técnica compreende as ações que desenvolvemos para alcançar um determinado fim, sendo eminentemente racional. A razão, por sua vez, é formada pela parte científica (teorética) e calculativa (deliberativa), sendo essa última formada pela sabedoria prática (*phrónesis*) e pela arte, que são reveladas nos sentidos de *práxis* e *poíesis*, que, ao pertencerem à dimensão prática do ser humano, possuem em comum a capacidade do ser humano de raciocinar (Oliveira; Vitorino, 2020).

*Práxis* refere-se à disposição racional para agir, e encontra na experiência o seu aperfeiçoamento no decorrer do tempo. *Poíesis*, por sua vez, garante que a prática não é um fim em si, mas está orientada para uma obra resultante da ação: “na arte são prescritos métodos e/ou regras, ou seja, ‘ações moldadas’ que servem como meio para atingir determinado fim de produção” (Oliveira; Vitorino, 2016, p. 48). É nesse aspecto, conforme os autores, que a dimensão técnica da competência em informação agrega um aspecto reflexivo.

Ainda, Oliveira e Vitorino (2016) conectam a técnica à virtude dos seres humanos, sendo essa uma atividade da vontade que delibera segundo a orientação da razão, a qual determina os fins racionais de uma escolha, que são voltados para a felicidade. Assim, os autores revelam a paixão como um componente da técnica.

Dessa forma, Oliveira e Vitorino (2016) pontuam que, a partir da dimensão técnica da competência em informação, o sujeito põe em prática o seu conhecimento para o ‘fazer informacional’, sustentado por julgamentos e decisões. Esta mobilização ocorre “por meio de um processo constituído por etapas que demandam habilidades, julgamentos e decisões do indivíduo – o ser reflexivo” (Oliveira, Vitorino, 2016, p. 61). Ainda, “requer paixão e razão, nem desejo somente, nem intelecto somente: a medida certa (a justa medida) e a prudência, alcançadas por meio do ensino, da experiência, da prática, do tempo e da reflexão” (Oliveira, Vitorino, 2016, p. 61).

Dessa forma, podemos ponderar, a partir das referências, que a dimensão técnica da competência em informação envolve a ação informacional, voltada para uma obra maior, que é a autonomia, o empoderamento e a liberdade. Está relacionada com habilidades, aptidões e destrezas que desenvolvemos e mobilizamos nas situações informacionais. Vinculada à capacidade de agir, tem em sua composição razão e paixão, originando um agir ancorado nos julgamentos daquilo que sustenta nossa trajetória no mundo: a felicidade, que deve sempre se



sustentar na nossa trajetória de mundo que, ao ser construída intersubjetivamente, têm no cerne os aspectos político e ético.

### 3.2 Dimensão estética

Vitorino e Piantola (2011), Orelo e Vitorino (2012), Orelo e Cunha (2013), Duarte (2015), Duarte e Caldin (2016), Souza, Bahia e Vitorino (2020) e Orelo e Vitorino (2020) se dedicaram a explorar aspectos da dimensão estética da competência em informação.

A dimensão estética é definida por Vitorino e Piantola (2011) como algo relacionado aos sentimentos e percepções pessoais das pessoas, e não pode ser explicitamente formulada pela razão. Expressa-se por meio da sensibilidade e criatividade demandadas pela arte, as quais sempre foram buscadas pelos seres humanos a partir de ideais de harmonia e beleza, essenciais para o bem viver. Essa experiência estética “está presente em todos os aspectos da vida humana, constituindo-se como fator fundamental na construção da subjetividade e determinante do próprio caráter” (Vitorino; Piantola, 2011, p. 103).

Orelo e Vitorino (2012, p. 51), ao resgatarem conceitos de estética lançados por Immanuel Kant, estabelecem, em princípio, a distinção entre o sensível e o inteligível, sendo o primeiro relacionado à matéria, à “forma, por meio da qual, mesmo sem nenhuma sensação, as representações denominam-se sensitivas”, enquanto o segundo concebe o uso do entendimento que advém tanto da lógica quanto do conceito das coisas. Duarte e Caldin (2016), com base em Lemos (2004), estabelecem que o prazer estético está ancorado em ambos os domínios - sensível e inteligível - e resgatam a noção de belo, de Plotino e Platão, que designa a estética como o conhecimento apreendido pelos sentidos humanos. O belo se refere ao que é apreendido pela intuição, pelas sensações ou pelos sentidos - visão e audição - e que nos é agradável, prazeroso ou simpático (Platão, 1980 *apud* Duarte; Caldin, 2016). Ainda, com base em Plotino, estabelecem que “o belo é também o bem, e desse bem a inteligência tira imediatamente sua beleza” (Plotino, 2012 *apud* Duarte; Caldin, 2016, p. 11, grifo deles).

Duarte (2015, p. 250), ao explorar a dimensão estética da competência em informação, ressalta que, no agir informacional, “fazer as coisas belas e estéticas é conseguir alcançar a capacidade de aliar conhecimento pessoal com o hábito de pensar nessas coisas com beleza, uma ação que é um exercício constante de aprimoramento de conhecimentos”. Duarte e Caldin (2016) já salientam que a estética contribui com o desenvolvimento de uma sociedade mais solidária quando busca compreender as coisas, os problemas de forma mais humana, sensível, o que, por vezes, pode ser esquecido diante de ações puramente racionais.

Vitorino e Piantola (2011, p. 103) expõem que a dimensão estética está compreendida na própria informação, pois é transmitida, além dos referenciais do mundo exterior - com base

em dados empíricos, verificáveis, objetivos - também do interior: “por meio da intuição, da sensibilidade, da imaginação e da reflexão pessoal”. As autoras ainda complementam que a dimensão estética da competência em informação diz respeito ao uso dos sentidos para lidar com os conteúdos de informação e a sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo (Vitorino; Piantola, 2011, p. 103).

Orelo e Cunha (2013) associam a dimensão estética da competência em informação à construção de conhecimento, uma vez que imaginação e sensibilidade são parte do desenvolvimento cognitivo das pessoas, na ocasião em que estimulam a capacidade de raciocínio. Souza, Bahia e Vieira (2020) complementam essa percepção e incluem um componente político e ético imbricados na estética ao compreenderem essa dimensão como a transformação dos saberes que serão compartilhados para o bem coletivo e reconstrução social.

### **3.3 Dimensão ética**

A dimensão ética é explorada nessa investigação a partir dos estudos de Vitorino e Piantola (2011), Menezes e Vitorino (2014), Pellegrini (2016), Pellegrini e Vitorino (2018) e Pellegrini e Vitorino (2020), que foram recuperados na ocasião do levantamento bibliográfico desta investigação.

Vitorino e Piantola (2011) expressam que a dimensão ética da competência em informação implica utilizar a informação de modo responsável sob a perspectiva da realização do bem comum. Isso inclui questões sobre apropriação e uso da informação, especificamente a propriedade intelectual, os direitos autorais, o acesso à informação e a preservação da memória do mundo. Mas a dimensão ética não se limita a esses aspectos: esta é, na verdade, a dimensão base para que todas as outras se estabeleçam (Pellegrini; Vitorino, 2018).

Pellegrini e Vitorino (2020) e Pellegrini (2016), para construir sentidos à dimensão ética da competência em informação, recorrem aos estudos sobre ética no campo da filosofia. A partir de filósofos da Grécia antiga, como Sócrates, Platão e Aristóteles, elencam como questão central da ética a felicidade. O conhecimento para alcançar a felicidade deve presidir, ao mesmo tempo, a vida do indivíduo e da comunidade, que, para os termos da Filosofia Grega, designa o cidadão e a *Pólis*. Tendo como virtudes éticas o bom e o justo e, sendo a *Pólis* o lugar onde os indivíduos legitimam seu destino e dão significado às suas ações, o bom e o justo para o indivíduo “não podem ser algo distinto do que se considere bom e justo para o bem comum” (Pellegrini; Vitorino, 2020, p. 155).

Assim, Pellegrini e Vitorino (2020) salientam, com base na Filosofia grega, que o indivíduo ético é aquele capaz de autocontrole, de governar a si mesmo. A ética, nesse sentido, proporciona critérios racionais para averiguar quais comportamentos e virtudes são adequados

para a felicidade. Os princípios da ética consistem no conjunto de qualidades que define a forma de viver e de conviver em sociedade para alcançar a felicidade.

É nesse aspecto que Pellegrini e Vitorino (2018), ao citarem Sung e Silva (2011), indicam que a ética consiste no questionamento sobre as práticas, atitudes, regras e ações humanas, e as implicações e consequências dessas para a coletividade. Na competência em informação, a ética se manifesta, principalmente, em situações informacionais que envolvam um problema, um conflito de valores, um posicionamento ou uma tomada de decisão.

Vitorino e Piantola (2011), salientam que a ética pressupõe um juízo crítico e relaciona-se, portanto, diretamente à noção de autonomia, na medida em que o indivíduo ético decide por si mesmo suas ações após ponderar sobre suas possíveis consequências não apenas no âmbito pessoal, mas principalmente coletivo (Vitorino; Piantola, 2011, p. 105). Pellegrini e Vitorino (2018), relacionam a ética ao ato de “saber dosar a informação e a comunicação e, ao mesmo tempo, equilibrar valores conflitantes, de forma que os resultados das ações do indivíduo [...] estejam voltados para a justiça e o bem coletivo” (Pellegrini; Vitorino, 2018, p. 130).

Menezes e Vitorino (2014) também conectam a noção de ética às virtudes para o alcance da felicidade na coletividade. Destacam, como componentes de um comportamento ético, a humildade, o humor, a dedicação, o senso de justiça, o amor e a tolerância para com os próximos. Esses comportamentos, associados ao uso responsável da informação e à cidadania, orientam à realização de boas atitudes que rumam ao bem coletivo e ao bem comum (Menezes; Vitorino, 2014, p. 89).

Em suma, é possível compreender, a partir dos estudos, que a dimensão ética é central na competência em informação e basilar para as demais dimensões. Tendo a felicidade como questão central e a vivência na *Pólis* seu princípio norteador, compreende as habilidades, conhecimentos, atitudes e, principalmente, os valores relacionados à informação que sejam virtuosos à comunidade, desenvolvidos a partir de um julgamento crítico daquilo que é bom e justo.

### **3.4 Dimensão política**

Os autores que buscaram explorar a dimensão política da competência em informação são Vitorino e Piantola (2011), De Lucca (2019), De Lucca e Vitorino (2018) e De Lucca e Vitorino (2020).

Vitorino e Piantola (2011) compreendem a dimensão política da competência em informação como a capacidade que as pessoas desenvolvem para administrar o próprio trajeto histórico, mudando a natureza das relações sociais. Relacionam a competência em informação

com a consciência histórica, revelada pelas pessoas que sabem dos problemas e buscam soluções, que não aceitam ser objeto e querem comandar o próprio destino. Ressaltam, ainda, que na dimensão política a competência em informação revela seu aspecto sociopolítico, apresentada pelas pessoas que conseguem ver além da superfície do discurso e identificam a natureza da informação, que pode ser organizada de modo a favorecer determinados grupos.

De Lucca e Vitorino (2020) buscaram construir sentidos à dimensão política da competência em informação a partir dos conceitos oriundos das filosofias políticas Grega e Iluminista, a partir de Platão, Aristóteles, Locke, Voltaire e Rousseau. Esclarecem que a dimensão política compartilha com a dimensão ética seu princípio norteador: o ser humano como um ser social, que legitima seu destino na *Pólis*, cuja finalidade é a concretização da justiça e do bom. Ao abordarem os princípios da *Pólis* estabelecidos por Aristóteles (2013), resgatam a noção de cidadania e os princípios da isonomia e isegoria: enquanto o primeiro designa a igualdade de todos os cidadãos no espaço social, o segundo se refere à igualdade no direito de expor e discutir, também no espaço social, suas posições e opiniões sobre a comunidade, sendo esse espaço social uma comunidade de pessoas livres, que têm a liberdade de participar das decisões referentes à *Pólis*. São desses princípios que se originam a justiça social, a participação política, a interação social e fortalecimento de laços em comunidade (amizade), a liberdade, a cidadania e a democracia.

De Lucca (2019, p. 121), ao indicar aspectos da dimensão política, estabelece como elementos “a cidadania, o regime democrático, a busca pela justiça social e pela redução de desigualdades, o aspecto político voltado ao poder e aos fluxos desiguais, as habilidades sociopolíticas, a responsabilidade social [...] e o pensamento crítico”. De Lucca e Vitorino (2020, p. 230) indicam que, sob a perspectiva da cidadania, essa dimensão “possibilita ao indivíduo a compreender direitos e deveres, e estimula o comportamento reflexivo para que o sujeito desenvolva uma consciência crítica que lhe será útil para questionar o que está posto”.

Vitorino e Piantola (2011), por sua vez, compreendem que pessoas que desenvolvem a dimensão política da competência em informação são capazes de “interferir de maneira significativa na realidade, visando o bem-estar da coletividade” (Vitorino; Piantola, 2011, p. 108). Ao resgatarem Doherty (2007), também associam essa dimensão à exclusão social, salientando que dar voz aos silenciados é o papel mais importante que essa competência pode representar.

#### **4 Transtorno do espectro autista: características elencadas a partir da literatura**

Nesta seção são apresentadas as características principais do TEA, especialmente aquelas que são vinculadas ao usuário da informação, as quais possam servir para a área da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Essa identificação é útil para a construção de

iniciativas para o desenvolvimento de estratégias em informação nesse campo, especificamente para essa categoria de usuários nesse campo científico e profissional.

O TEA é uma condição de saúde em que se admite haver múltiplas causas, incluindo fatores genéticos, biológicos e ambientais (Varela, 2014). No entanto, assume-se também que se trata de um transtorno fortemente genético, tendo sido indicada em estudo anterior uma herdabilidade estimada de mais de 90% (Gupta; State, 2006). Oliveira e Sertié (2017) apontam que o TEA é considerado uma doença geneticamente heterogênea e complexa, já que apresenta diferentes padrões de herança e variantes genéticas causais. Os autores argumentam que, com relação ao desenvolvimento cognitivo, o fenótipo dos pacientes varia: abrange “desde indivíduos com deficiência intelectual (DI) grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais adaptativas, até indivíduos com quociente de inteligência (QI) normal, que levam uma vida independente” (Oliveira; Sertié, 2017, p. 233).

Silva e Mulick (2009, p. 117-118) esclarecem que o diagnóstico de autismo é estabelecido com base em uma lista de critérios comportamentais, que incluem: (a) déficits de habilidades sociais, (b) déficits de habilidades comunicativas (verbais e não-verbais) e (c) presença de comportamentos, interesses e/ou atividades restritos, repetitivos e estereotipados. Zelaquett *et al.* (2015) esclarecem que os padrões restritos e repetitivos de comportamento causam prejuízos à comunicação e interação pessoal desse grupo. Olivati *et al.* (2020) salientam que as pessoas com TEA demonstram mais dificuldades no estabelecimento de interações sociais, considerando que a compreensão da linguagem corporal e dos sinais verbais são habilidades complexas para esse grupo de pessoas.

Assim, dentre as manifestações de TEA que são especialmente úteis para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, nossa análise de conteúdo originou, a partir de um mapeamento elaborado por Sampaio e Farias (2020, p. 7-8), um conjunto de principais características que podem ser desenvolvidas e manifestadas pelas pessoas autistas, que são: 1) compartilhamento reduzido de interesses: o diálogo com uma pessoa com TEA tende a ser centralizado em um ponto específico de interesse dele; 2) dificuldade de interação com outras pessoas, pois alguns preferem o isolamento social em virtude de a interação não ocorrer de modo a atender suas especificidades; 3) ecolalia (repetição em eco de fala, sejam palavras ou sons), que é reproduzida de forma automática e com a mesma entonação vocal da quem a escutou, ou ecopraxia (imitação dos movimentos); 4) frases idiossincráticas, que é a mensagem solta fora do diálogo sem contexto algum; 5) fascinação visual por luzes ou movimentos de algum objeto, que podem ser estímulo para o hiperfoco; 6) hiperfoco, operando destaque do usuário com TEA em suas habilidades vinculadas ao hiperfoco, mas que podem ser prejudiciais para interações que não despertam interesse imediato; 7) Transtorno do Desenvolvimento

Intelectual, possuindo dificuldades de raciocínio e compreensão; 8) sensibilidade sensorial, que pode se manifestar no contato com pessoas, sons ou algum objeto tocado com um aspecto diferente que o incomode.

Associa-se a esses elementos a dificuldade que um usuário com TEA pode manifestar para compreender o discurso no seu sentido não literal. Campos e Fernandes (2016, p. 235) afirmam que, além disso, a compreensão da linguagem encontra-se atrasada e o uso funcional da linguagem pode apresentar perturbações, como, por exemplo, dificuldades em compreender sutilezas de linguagem, piadas, ironias e sarcasmos, bem como problemas para interpretar linguagem corporal, gestos e expressões faciais.

Ruggieri (2023, p. 44) afirma que é importante definir cada um dos sintomas para que seja possível identificá-los. Esses sintomas podem incluir: a) agitação: hiperatividade não relacionada a um estímulo; b) mutismo: Ausência ou linguagem mínima; c) Recusa em obedecer ordens ou ações; d) posturas estáticas, expressas quando o usuário adquire uma posição ou postura espontânea por um longo período de tempo, mesmo que não seja anatomicamente confortável; e) maneirismos: movimentos exagerados de uma ação normal; f) estereótipos: movimentos repetitivos sem objetivo; g) caretas: movimentos espontâneos dos músculos faciais mantidos por um longo período de tempo.

Especificamente no cenário da Biblioteconomia, a American Library Association (2017) indica que, mesmo que os profissionais tenham capacidade para receber e atender a demanda de informação desses usuários, podem encontrar certas dificuldades, pois:

Um usuário com TEA pode não ser verbal ou pode falar com você em vez de conversar. Este usuário pode repetir o que você diz, [...] não compreenda figuras de fala ou piadas e/ou seja incapaz de seguir as instruções de várias partes. [...] Muitas pessoas com TEA não têm a capacidade de ler linguagem corporal ou outras pistas sociais. Algumas pessoas não estão conscientes dos comportamentos socialmente apropriados - não compreendendo as regras da distância social, o toque apropriado, a mudança de direção e o contato visual. Essas deficiências criam uma necessidade de controle e previsibilidade no meio ambiente (American Library Association, 2017 *apud* Santos, Diniz; Fernandes, 2017, tradução deles).

Portanto, com base nas indicações estabelecidas, estas são as principais características absorvidas sobre as pessoas que possuem TEA e podem manifestar-se em usuários da informação com essa condição, sendo, dessa forma, de interesse da Biblioteconomia e Ciência da Informação:

a) **sociais**: incluem dificuldade em interagir socialmente, em manter o contato visual, fazer amigos, além de compartilhamento reduzido de interesses e presença de interesses e/ou atividades restritos, repetitivos e estereotipados, o que pode comprometer interações sociais;

b) **comunicacionais**: incluem dificuldade na comunicação, que compreende diminuição da capacidade de compreender gestos comunicativos, presença de uso repetitivo da linguagem e ações repetitivas (estereótipos) ou ausência de fala, além de manifestações de ecolalia (imitação da fala) ou ecopraxia (imitação dos movimentos) que ocorrem enquanto a conversa é realizada e, ainda, dificuldade em compreender sutilezas de linguagem, piadas e sarcasmo, bem como problemas para interpretar gestos ou expressões;

c) **neurológicas, cognitivas e sensoriais**: relacionam-se ao desenvolvimento intelectual predisposto ao comprometimento; desenvolvimento de hiperfoco para pequenos assuntos e tópicos de interesse do usuário; sensibilidade sensorial no olfato, paladar, audição (incluindo ruídos ambientais), visão (luzes cintilantes e cores vibrantes), tato (texturas específicas) e que pode se manifestar no contato com pessoas;

d) **comportamentais**: incluem agitação: hiperatividade não relacionada a um estímulo e recusa em atender ordens e instruções.

Ao considerarmos as pessoas com TEA como usuários da informação e de ambientes de informação, são atitudes virtuosas a empatia, a paciência, sensibilidade e disposição para acolher usuários, tanto nas bibliotecas quanto nos demais ambientes em que a construção de conhecimento é possível a partir do estímulo realizado por profissionais.

#### **4 Estratégias em competência em informação para usuários com TEA**

Nesta seção são apresentadas diretrizes para a competência em informação de usuários autistas e possibilidades de mediação com base nas dimensões e estratégias para o desenvolvimento da competência em informação dos usuários autistas, que devem ser desenvolvidas por profissionais da informação na rotina de trabalho, seja bibliotecas, museus, escolas, ou outros ambientes propícios para o processo de construção de conhecimento das pessoas.

##### **4.1 Diretrizes para o desenvolvimento da competência em informação de pessoas autistas com base nas dimensões técnica, estética, ética e política**

Com relação ao desenvolvimento da **dimensão técnica da competência em informação para a pessoa com TEA**, ela é o meio de ação da competência em informação: tem relação com a prática que é desenvolvida a partir de julgamentos que são racionais, mas que incluem a paixão. Dentre as manifestações, estão as habilidades no uso das fontes de informação, destreza com suportes informacionais - dentre os quais se incluem equipamentos como computadores, *tablets* e celulares - e diferentes tipologias de fontes de informação. Envolve, ainda, o reconhecimento de gêneros textuais e os objetivos explícitos e implícitos de cada comunicação:

seja uma notícia, um texto humorístico, uma narrativa ou um texto descritivo. A partir desses aspectos, é possível compreender aspectos básicos sobre uma informação - como seu propósito e público-alvo - e desenvolver habilidades úteis para a busca da informação nas fontes. Como está intimamente relacionada à ação, vincula-se também à capacidade de seguir instruções.

A dimensão técnica se revela na ação, na prática. Pessoas autistas podem ter dificuldades para seguir instruções e podem recusar obedecer a ordens. Além disso, podem ter dificuldades para compreender sutilezas de linguagem, piadas, ironias e apresentar problemas para interpretar a linguagem corporal. Há, ainda, o compartilhamento reduzido de interesses e o hiperfoco. Para as pessoas com TEA, a dimensão técnica da competência em informação pode ser fortalecida a partir de tópicos de interesse, de modo a explorar o hiperfoco para a construção de conhecimento. A linguagem objetiva, clara e precisa requerida pelo usuário autista também é um aspecto fortalecido da dimensão técnica da competência em informação.

Com relação à **dimensão estética da competência em informação para a pessoa com TEA**, ela compreende a sensibilidade e uso dos sentidos de forma distinta aos habituais - inclusive com a incorporação da intuição. O *belo* é alcançado a partir daquilo que é apreendido pelos sentidos e é agradável e prazeroso. A imaginação é um elemento crucial, que é despertada pelos sentidos e contribui para o desenvolvimento cognitivo das pessoas, na ocasião em que estimula a capacidade de raciocínio (Orelo; Cunha, 2013).

O usuário com TEA possui características particulares no que diz respeito à experiência sensorial. Pode ser sensível a ruídos e ter dificuldades para tolerar odores e sabores incomuns. Em relação à visão, pode haver incômodo com cores ou luzes cintilantes. No tato, algumas texturas podem não ser agradáveis. Além disso, pode haver ausência total de interação verbal (mutismo) e a linguagem corporal pode incluir movimentos repetitivos, posturas estáticas e expressões faciais.

Nesse sentido, a dimensão estética se revela na experiência artística, já reconhecida como um mecanismo para o desenvolvimento das pessoas autistas, sendo utilizada tanto para a interação e comunicação em tratamento psicoterápico (Pereira; Azevedo, 2018) quanto como instrumento pedagógico no processo de aprendizagem (Gómez Juárez, 2016). Recursos como desenhos a lápis ou tinta, expressões em outras categorias de artes plásticas, como pintura, esculturas e artes em tecido podem ser capazes de manifestar o não dito e não expresso por gestos, constituindo-se como um recurso comunicacional. Mas não se trata apenas disso: a experiência artística é, além de um despertar para o *belo*, também um impulsionador para a imaginação, tão necessária para o estímulo ao raciocínio. Música, poesia e dança também podem ser exploradas, inclusive de forma a desenvolver a inteligência corporal.



Com relação ao desenvolvimento da **dimensão ética da competência em informação para a pessoa com TEA**, ela compreende a busca, avaliação, uso e compartilhamento da informação de forma responsável, de modo a assegurar a organicidade do coletivo. A informação deve ser compreendida como um meio para o fim maior, que é a felicidade da comunidade. A partir dos trabalhos recuperados, podemos perceber que essa felicidade é conquistada na consecução dos ideais do bom e do justo, que é ponderada a partir de um juízo crítico, relacionando-se à autonomia.

A dimensão ética é vinculada aos valores e princípios, na ocasião em que se conecta com a noção de moral. Pessoas autistas podem possuir particularidades quanto à interação social, uso dos sentidos, desempenho cognitivo e comportamento. A autonomia do usuário autista é um aspecto revelador da dimensão ética, uma vez que envolve sua dignidade, empoderamento e liberdade na ocasião das tomadas de decisão individuais que, em virtude de vivermos em sociedade, possuem implicações coletivas. Responsabilidade social também pode ser um aspecto revelador da dimensão ética da pessoa com TEA: por se tratar de pessoas com experiências comportamentais, sensoriais e cognitivas particulares, podem também possuírem um olhar atento para os aspectos da competência em informação que se relacionam à responsabilidade social.

O desenvolvimento da **dimensão política da competência em informação para a pessoa com TEA** compreende todas as habilidades, conhecimentos e atitudes que as pessoas desenvolvem na perspectiva da coletividade. Norteia também a conduta ética dessas pessoas. Para o usuário com TEA emergem, nesse sentido, a amizade estabelecida a partir da interação em comunidade, a participação política, a liberdade, o pensamento crítico que identifica informações enviesadas e, ainda, a exclusão social. Da própria exclusão surge a capacidade que as pessoas desenvolvem, a partir da competência em informação, de vencer situações de discriminação e preconceito, que levam à marginalização.

Pessoas com TEA podem não compreender falas em sentidos figurados ou expressões de humor, além de sutilezas de linguagem. Há, ainda, o compartilhamento reduzido de interesses e dificuldades de interação social e comunicação, inclusive com a ausência de linguagem verbal (mutismo), de toque físico e de contato visual. Para o usuário com TEA, a dimensão política compreende, de forma primordial, a exploração de diversas formas de participação política e interação coletiva que consideram e respeitam as limitações e particularidades relativas à interação social e comunicação - se este for o caso. Envolve, ainda, reconhecer que a política está muito além de interações sociais.

A dimensão política da competência em informação pode se revelar na ocasião em que, por meio de habilidades, conhecimentos e atitudes com relação à informação, pessoas com TEA

percebem, na coletividade, força política para vencer o estigma e a discriminação que há na sociedade em relação às pessoas com deficiência. A cidadania, nesse aspecto, envolve o empoderamento proporcionado por meio da informação que constrói conhecimento útil para compreender e agir sobre situações diversas. Pessoas com TEA podem, por meio da competência em informação, serem capazes de mobilizar recursos cognitivos, comportamentais e atitudinais para lutar pela conquista da cidadania, que, para essas pessoas, inclui a conscientização da sociedade sobre suas particularidades e o desenvolvimento de políticas públicas que promovam ambientes de informação, profissionais de informação e tecnologias de informação que levem em consideração as limitações, as potencialidades e as necessidades das pessoas com TEA.

#### **4.2 Estratégias para o desenvolvimento da competência em informação dos usuários autistas**

Há, a partir do ponto de vista dos profissionais da informação e dos ambientes em informação, uma gama de possibilidades a serem exploradas para o atendimento das pessoas com TEA de modo a favorecer o desenvolvimento da competência em informação a partir das dimensões técnica, estética, ética e política.

Em princípio, cabe ao profissional identificar características básicas dos usuários. Especificamente no cenário do TEA, isso envolve uma compreensão elementar de possíveis manifestações da deficiência e do seu nível de suporte. A identificação das características gerais já possibilita orientar o profissional da informação acerca das mediações oportunas de serem realizadas - especialmente porque níveis de suporte mais elevados e manifestações específicas podem ser mais perceptíveis à primeira vista.

Em termos básicos, a interação entre profissional da informação e pessoa com TEA, sob o ponto de vista do desenvolvimento da competência em informação, deve observar as particularidades relacionadas à comunicação e ao contato social, que devem ser sempre orientadas às particularidades de cada usuário.

Em termos comunicacionais, interações verbais que utilizam figuras de linguagem, humor, ironia e sarcasmo podem comprometer a compreensão das mensagens e, inclusive, o desenvolvimento do raciocínio. Uma comunicação bem-sucedida entre o profissional da informação e usuário inclui uma interação serena, com linguagem objetiva e clara, evitando uso de sutilezas de linguagem, humor, sarcasmo ou expressões em sentido figurado. Profissionais são chamados a manter a literalidade das palavras, evitando tons irônicos durante diálogos que sejam dirigidos aos usuários com TEA. Expressões corporais podem ser sutis, o tom de voz pode ser moderado e o toque físico deve ser sempre evitado na comunicação. Essa atitude do profissional envolve a percepção dos problemas de forma humana e sensível, repleta de

compaixão. Demonstra respeito à condição do outro e preocupação com bem-estar do usuário, indicando inclusive um atributo das dimensões estética e política desse profissional.

Outros recursos também podem ser explorados para substituir possíveis interações verbais. Experiência artística é um recurso favorável à construção da dimensão estética da competência em informação pelo usuário com TEA. Esse também é um recurso a ser explorado pelo profissional da informação na construção de estratégias para o desenvolvimento da competência em informação: desenhos, pinturas e demais artes plásticas podem ser utilizadas como um recurso comunicacional, em substituição às usuais interações verbais e visuais. O bibliotecário pode usar recursos artísticos não somente para a comunicação verbal, mas também proporcionar experiências informacionais envolvendo artes manuais, dança, música e, inclusive, literatura, de modo a explorar os processos de necessidades, busca, avaliação e uso da informação.

Outra característica que convém ser observada pelo profissional da informação é a sensibilidade sensorial manifestada por alguns usuários com TEA, que pode estar vinculada ao olfato, paladar, audição, visão e tato: esse usuário pode ser sensível a certos ruídos, odores, sabores, texturas, cores ou luzes. O profissional da informação que queira promover experiências informacionais bem-sucedidas pode organizar ambientes de informação acessíveis a usuários nessas condições. Tais ambientes podem contar com iluminação reduzida, proteção acústica para barulhos e ruídos e uso de cores neutras, além de dispor de equipamentos como fones de ouvido, além de outros suportes que possam contribuir para que os ambientes de informação sejam silenciosos e tranquilos. Ações dessa natureza representam uma atitude responsável e atenta dos profissionais da informação, na direção das atitudes necessárias e virtuosas para o bem comum.

Ainda em termos comunicacionais, o hiperfoco e o compartilhamento reduzido de interesses podem ser direcionados para a construção de experiências informacionais bem-sucedidas, embora devamos reconhecer que também podem representar um obstáculo quanto ao desenvolvimento da competência em informação. A interação entre profissional e usuário pode explorar tópicos de interesse: nessa interação, podem ser apresentadas, pelo usuário, necessidades de informação não atendidas, abrindo possibilidades para a criação de estratégias para o desenvolvimento da competência em informação: possibilidades de busca, incluindo estratégias de pesquisa em fontes de informação, critérios de avaliação de fontes de informação e procedimentos de uso e compartilhamento da informação. Essa é, inclusive, uma atitude ética do profissional da informação, que não utiliza de posições pré-estabelecidas para determinar, de antemão, conteúdos e capacidades a serem trabalhadas e estimuladas aos usuários com TEA. Deixar-se ser levado pelos tópicos de interesse dos usuários pode ser, inclusive, uma posição a

ser adotada no atendimento de todos os públicos. Informação útil é aquela informativa, e a noção do que é informativo depende do sujeito que constrói seus conhecimentos - o próprio usuário.

## **5 Considerações finais**

A partir dos resultados elencados nesta investigação, fomos capazes de traçar significados quanto ao desenvolvimento da competência em informação das pessoas com TEA, especialmente no que se refere às dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação. Estratégias para o desenvolvimento da competência em informação também foram lançadas, considerando as particularidades elencadas com base na literatura e sob o foco das bibliotecas e dos bibliotecários, que são primordiais para o alcance da felicidade, bem-estar e qualidade de vida que a competência em informação é capaz de promover.

Para as pessoas com TEA, o desenvolvimento da competência em informação também pode servir como instrumento para promover seus próprios processos de construção do conhecimento. Debetto e Saldanha (2023) já alertam que, no mapa da injustiça ontoepistêmica, está a singularidade das pessoas com TEA: a aparente recusa no dizer ou escrever, a emissão de sons sem significação para quem ouve e suas diversas formas de se manifestar são invalidados pelos padrões ocidentais, e tratados pela lógica capacitista que insere essas pessoas em um contexto de total incapacidade e ausência de protagonismo perante si, enquanto sujeito (Debetto; Saldanha, 2023). Desenvolver a competência em informação das pessoas com TEA é promover suas formas de pensar e de construir conhecimento, e nesse aspecto, cabe ainda aos profissionais da informação o respeito e estímulo às diversas formas de expressão, de compreensão e de processamento da informação das pessoas, como uma estratégia de legitimar formas de conhecer socialmente excluídas.

Ainda, cabe considerar que as estratégias aqui construídas partem de uma interpretação das características do TEA elencadas pela literatura científica, a partir de processos de análise de conteúdo que não envolvem a interrogação direta aos usuários com TEA sobre suas percepções acerca de seus processos de construção de conhecimento. Pesquisas posteriores podem ser úteis para validar e reconhecer estratégias para a competência em informação lançadas pelas próprias pessoas que desenvolvem sua competência em informação, com o auxílio de especialistas - sejam profissionais ou cientistas - no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação, respectivamente.

Por fim, cabe ressaltar que pessoas com TEA são pessoas usuárias da informação, com características particulares como todos os seres humanos, que, nas investigações, são colocadas em evidência para exploração científica. O TEA é caracterizado como uma doença por um

documento - o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) da American Psychiatric Association (APA) - documento este que já foi objeto de forte rejeição, em virtude de representar um instrumento de “fabricação de doenças mentais” (Ribeiro, Marteleto, 2023, p. 13). A neurodiversidade hoje é contemplada a partir de uma gama de categorias patológicas, que podem ser eliminadas, desvinculando as pessoas com TEA dos seus rótulos selados até aqui. Assim, bibliotecas e bibliotecários podem explorar o máximo do potencial de construção de conhecimento das pessoas, tirando de evidência os rótulos que são construídos socialmente.

## Referências

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. Framework for Information Literacy for Higher Education. 2016. Disponível em: [http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/Framework\\_ILHE.pdf](http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/Framework_ILHE.pdf). Acesso em: 20 set. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMPOS, L. K.; FERNANDES, F. D. M. **Perfil escolar e as habilidades cognitivas e de linguagem de crianças e adolescentes do espectro do autismo**. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2016. Jun. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/ZL8NGqhngDTKLjzCSMjx9PB/?lang=pt> Acesso em: 24 jun. 2024.

DE LUCCA, D. M. **Princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso sob o foco da dimensão política**. 2019. 423 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC\\_33a03840b006ecb1335f3faa596197b4](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_33a03840b006ecb1335f3faa596197b4) Acesso em: 24 jun. 2024.

DE LUCCA, D. M.; VITORINO, E. V. A dimensão política da competência em informação. *In.*: VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. (Org.). **As dimensões da competência em informação: técnica, estética, ética e política**. Porto Velho: Editora da Universidade Federal de Rondônia, 2020. p. 203-234.

DEBETTO, F. V. G.; SALDANHA, G. S. Transtorno do espectro autista e tautismo: uma questão de prefixo? Epistemicídio e capacitismo na análise crítica à infocomunicação. **Encontros Bibli**, v. 28, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e92859> Acesso em: 17 jun. 2024.

DUARTE, E. J. A dimensão estética da competência em informação dos bibliotecários da Biblioteca Pública de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169471> Acesso em: 24 maio 2024.

DUARTE, E. J.; CALDIN, C. F. Estética: uma dimensão da Competência em Informação a ser percebida por bibliotecário de biblioteca pública. *Informação & Sociedade*, v. 26, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/29265> Acesso em: 22 jun. 2024.

GÓMEZ JUÁREZ, M. R. Arteterapia y Autismo: El desarrollo del arte en la escuela. **Publicaciones Didácticas**, v. 69, n. 1, p. 31-48, abr. 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/235860151.pdf> Acesso em: 05 jun. 2024.

GUPTA, A. R.; STATE, M. W. Autismo: genética. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, n. 1, p. 529-538, maio 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500005>. Acesso em: 23 maio 2024.

IFLA - INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. *Guidelines on Information Literacy for Lifelong Learning*. The Hague: IFLA, 2006. Disponível em: <https://repository.ifla.org/handle/123456789/193>

MENEZES, P. L.; VITORINO, E. V. A competência informacional fundamentada na dimensão ética. **Em Questão**, v. 20, n. 2, p. 86-107, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/10818> Acesso em: 24 maio 2024.

OLIVEIRA, A. P. **A dimensão técnica da competência informacional**: estudo com bibliotecários de referência das bibliotecas universitárias da Grande Florianópolis, SC. 2014. 205 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129176> Acesso em: 24 maio 2024.

OLIVEIRA, A. P.; VITORINO, E. V. A dimensão técnica da competência em informação. *In.*: VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. (Org.). **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho: Editora da Universidade Federal de Rondônia, 2020. p. 71-126.

OLIVEIRA, A. P.; VITORINO, E. V. Os sentidos da dimensão técnica: abordagem sobre a competência em informação no âmbito da filosofia e da ciência da informação. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 2 n. 2, p. 40-65, mar./ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21728/logeion.2016v2n2.p40-65> Acesso em: 23 maio 2024.

OLIVEIRA, K. G.; SERTIÉ, A. L.; Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Hospital Israelita Albert Einstein: São Paulo**, v. 15, n.2, p. 233-238, abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/YMg4cNph3j7wfttmKzYsst/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 24 jun. 2024.

ORELO, E. R. M.; CUNHA, M. F. V. da. O bibliotecário e a competência informacional. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 23, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/12892> Acesso em: 21 jun. 2024.

ORELO, E. R. M.; VITORINO, E. V. A dimensão estética da competência em informação. *In.*: VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. (Org.). **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho: Editora da Universidade Federal de Rondônia, 2020. p. 127-148.

ORELO, E. R. M.; VITORINO, E. V. Competência informacional: um olhar para a dimensão estética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 4, p. 41-56, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36802> Acesso em: 21 jun. 2024.

Organização Pan-Americana da Saúde OPAS. Folha informativa - Transtorno do espectro autista. Publicado em: abril de 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista> Acesso em: 21 jun. 2024.

PELLEGRINI, E. **A dimensão ética da competência em informação**: a experiência narrada dos bibliotecários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). 2016. 301 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167928> Acesso em: 24 maio 2024.

PELLEGRINI, E.; VITORINO, E. V. A dimensão ética da competência em informação. *In.*: VITORINO, E. V.; DE LUCCA, D. M. (Org.). **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho: Editora da Universidade Federal de Rondônia, 2020. p. 149-202.

PELLEGRINI, E.; VITORINO, E. V. A dimensão ética da competência em informação sob a perspectiva da filosofia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 23, n. 2, p. 117-133, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/37706> Acesso em: 24 jun. 2024.

PEREIRA, D. M.; AZEVEDO, M. Q. O. Os efeitos da Arteterapia no desenvolvimento imagético-simbólico de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista. *In.*: Congresso Brasileiro de Educação Especial, 8, 2018. **Anais...** [...] São Carlos: FAPESP, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/trabalhos/os-efeitos-da-arteterapia-no-desenvolvimento-imagetico-simbolico-de-sujeitos-com?lang=pt-br> Acesso em: 05 jun. 2024.

RIBEIRO, N. C. R.; MARTELETO, R. M. O manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais enquanto um dispositivo infocomunicacional. **Encontros Bibli**, v. 28, n. 2, e90801, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e90801> Acesso em: 17 jun. 2024.

ROCHA, E. P.; FERREIRA-VEASQUES, A. T.; LAMÔNICA, D. A. C. Instrumentos de intervenção curricular para ensino de aprendizes com o Transtorno do Espectro Autista: revisão integrativa. **Revista CEFAC**, v. 21 n. 2, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216/20192126118> Acesso em: 21 jun. 2024.

RUGGIERI, V. Autismo y catatonia: Aspectos clínicos. v. 83, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36820482/> Acesso em: 21 jun. 2024.

SANTOS, R. R.; DUARTE, E. N.; LIMA, I. F. O papel do bibliotecário como mediador da informação no processo de inclusão social e digital. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 10, n. 1, p. 36–53, 2014. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/279> Acesso em: 21 jun. 2024.

SANTOS, M. P.; DINIZ, C. N.; FERNANDES, E. M. Acessibilidade informacional para usuários com transtorno de espectro autista na biblioteca. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 1863–1882, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/906> Acesso em: 24 jun. 2024.

SAMPAIO, R. K. O.; FARIAS, G. B. Biblioteca escolar inclusiva: análise acerca do transtorno do espectro autista. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 14, n. 3, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/222639> Acesso em: 21 jun. 2024.

SILVA, H. O.; SOUSA, M. R. F.; DANTAS, C. M. Competências informacionais para inclusão de pessoas com deficiência na sociedade da informação. *In.*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 17, 2016. **Anais [...]** Salvador: ANCIB, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/189829> Acesso em: 21 jun. 2024.

SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n. 1, p. 116–131, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/RP6tV9RTtbLNF9fnqvrMVXk/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 24 jun. 2024.

SOUZA, A. C.; BAHIA, E. M. D. S.; VITORINO, E. V. Dimensões da competência em informação sob a perspectiva de Zarifian. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, p. 56-76, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/142162> Acesso em: 21 abr. 2023.

VARELLA, D. Transtorno do Espectro Autista (TEA). Jan. 2014. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-do-espectro-autista-tea/> Acesso em: 21 jun. 2024.

VITORINO, E. V. A competência em informação e a vulnerabilidade: construindo sentidos à temática da “vulnerabilidade em informação”. **Ciência da Informação**, v. 47, n. 2, p. 71-85, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br//download/99215> Acesso em: 17 jun. 2024.

VITORINO, E. V. A competência em informação e a vulnerabilidade: construindo sentidos à temática da “vulnerabilidade em informação”. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 47, n. 2, p. 71-85, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/download/4187/3794> Acesso em: 21 jun. 2024.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da Competência Informacional (2). **Ciência da Informação**, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/SjcbWRPPfNPjhF5DhFTSkcv/abstract/?lang=pt> Acesso em: 21 jun. 2024.